

# A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

# 4

**Américo Junior Nunes da Silva**  
(Organizador)



# A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

# 4

**Américo Junior Nunes da Silva**  
(Organizador)



### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Vanessa Mottin de Oliveira Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Américo Junior Nunes da Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

E24 A educação enquanto fenômeno social: política, economia, ciência e cultura 4 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-527-3

DOI 10.22533/at.ed.273200311

1. Educação. 2. Política. 3. Economia. 4. Ciência e Cultura.. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos, em 2020, por uma pandemia: a do novo coronavírus. O distanciamento social, reconhecida como a mais eficiente medida para barrar o avanço do contágio, fizeram as escolas e universidades suspenderem as suas atividades presenciais e pensarem em outras estratégias que aproximassem estudantes e professores. E é nesse lugar de distanciamento social, permeado por angústias e incertezas típicas do contexto pandêmico, que os professores pesquisadores e os demais autores reúnem os seus escritos para a organização deste livro.

Como evidenciou Daniel Cara em uma fala a mesa “*Educação: desafios do nosso tempo*” no Congresso Virtual UFBA, em maio de 2020, o contexto pandêmico tem sido uma “tempestade perfeita” para alimentar uma crise que já existia. A baixa aprendizagem dos estudantes, a desvalorização docente, as péssimas condições das escolas brasileiras, os inúmeros ataques a Educação, Ciências e Tecnologias, os diminutos recursos destinados, são alguns dos pontos que caracterizam essa crise. A pandemia, ainda segundo ele, só escancara o quanto a Educação no Brasil é uma reprodutora de desigualdades.

Nesse ínterim, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, sobretudo aquelas que inter cruzam e implicam ao contexto educacional. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros, como os compõe essa obra.

O cenário político de descuido e destrato com as questões educacionais, vivenciado recentemente, nos alerta para uma necessidade de criação de espaços de resistência. É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade, de uma forma geral, das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade.

Portanto, as discussões empreendidas neste volume 04 de “***A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura***”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, assim como também da prática docente, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam.

Este livro reúne um conjunto de textos, originados de autores de diferentes estados brasileiros e países, e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, gênero, ciências

e tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, política, economia, entre outros.

Os autores que constroem essa obra são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### **EDUCAÇÃO E POLÍTICA: UMA REVISÃO SOBRE PEDAGOGIA DEMOCRÁTICA**

Wesley Pinto Hoffmann  
Raquel Aparecida Loss  
Claudineia Aparecida Queli Geraldi  
Sumaya Ferreira Guedes  
Juliana Maria de Paula

**DOI 10.22533/at.ed.2732003111**

### **CAPÍTULO 2..... 10**

#### **ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO E PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: UMA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Isabela Einik  
Márcia Adriana Dias Kraemer  
Pamela Tais Clein Capelin

**DOI 10.22533/at.ed.2732003112**

### **CAPÍTULO 3..... 28**

#### **O GESTOR ESCOLAR E A EJA COMO DIREITO: IMPASSES COMO DESAFIOS DA FORMAÇÃO**

Maria Angélica de Souza Felinto  
Antonio Amorim

**DOI 10.22533/at.ed.2732003113**

### **CAPÍTULO 4..... 42**

#### **O “HTPC VIRTUAL” COMO REDE COLABORATIVA DE APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE - TRANSPONDO DESAFIOS E CONSTRUINDO APRENDIZAGENS**

Lucia Helena Carvalho Gonzalez  
Jaqueline Cabral Alves Dornelas  
Solange Cabral Alves  
Raquel Caparroz Cicconi Ramos  
Karen Keller  
Ivan de Carvalho  
Elisabeth dos Santos Tavares

**DOI 10.22533/at.ed.2732003114**

### **CAPÍTULO 5..... 59**

#### **“A UNIVERSIDADE SOMOS NÓS”: A GESTÃO DE DELZA GITAÍ, PRIMEIRA REITORA DA UFAL, 1987-1991**

Giovanni Torres Apratto Lopes

**DOI 10.22533/at.ed.2732003115**

### **CAPÍTULO 6..... 64**

#### **PROJETO SOCIAL VIVAVÔLEI MARCELLE/UFLA – 2019: ATUANDO NO**

## DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO DAS CRIANÇAS DA COMUNIDADE DE LAVRAS/MG

Joice Benedita Silva  
Amanda Siqueira de Castro  
Camila Mariana de Lima  
Gustavo Belarmino da Costa  
Vinícius Manoel Cândido Neves  
Marcelo de Castro Teixeira

**DOI 10.22533/at.ed.2732003116**

### **CAPÍTULO 7..... 73**

#### **HABITUS PROFESSORAL E ALTERIDADE NA TRAJETÓRIA DA PROFESSORA MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA**

Gustavo Henrique Gonçalves Maria

**DOI 10.22533/at.ed.2732003117**

### **CAPÍTULO 8..... 83**

#### **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA ATUAÇÃO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

Antônio Carlos Pereira dos Santos Junior  
Maria Aparecida da Silva  
Maria do Horto Salles Tiellet

**DOI 10.22533/at.ed.2732003118**

### **CAPÍTULO 9..... 98**

#### **EDUCANDO PARA SAÚDE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO ATRAVÉS DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Andréia Farias de Jesus  
Cassio Murilo Lima do Carmo  
Tatiane dos Santos Moreira

**DOI 10.22533/at.ed.2732003119**

### **CAPÍTULO 10..... 102**

#### **APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO, OU COMPETÊNCIAS? CURRÍCULOS OFICIAIS EM ANÁLISE (2010 E 2017)**

Natália Rubert Wolff Camy  
Fabiany de Cássia Tavares Silva

**DOI 10.22533/at.ed.27320031110**

### **CAPÍTULO 11..... 114**

#### **INICIAÇÃO CIENTÍFICA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TRAJETÓRIAS ESCOLARES**

Shirley de Lima Ferreira Arantes  
Diego Alves Simão  
Petúnia Caroline de Sousa  
Bruno Otávio Arantes

**DOI 10.22533/at.ed.27320031111**

<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>126</b>
COMO O CÉREBRO APRENDE?	
Beatriz Cassol	
Cristiane Beatriz Dahmer Couto	
Viktória Eduarda Canas de Siqueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031112</b>	
<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>131</b>
PERTINÊNCIAS DE UM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA E CLÍNICA PSICANALÍTICA: UMA EXPERIÊNCIA	
Sílvio Memento Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031113</b>	
<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>142</b>
CURSOS DE SENSIBILIZAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO INOVADOR	
Ana Augusta da Silva Campos	
Maria Fabiana Braz Laurentino	
Jacinta de Fátima Martins Malala	
José Orlando Costa Nunes	
Vagner Miranda de Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031114</b>	
<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>148</b>
NO CAMINO DOS GRADUADOS	
Vivian Aurelia Minnaard	
Guillermina Riba	
Mercedes Zocchi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031115</b>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>155</b>
CRECHE E PRODUÇÕES DE VÍNCULOS COMUNITÁRIOS	
Aida Brandão Leal	
Bruna Ceruti Quintanilha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031116</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>171</b>
POR UMA EDUCAÇÃO CRIATIVA: A ESCOLA COMO AMBIENTE FAVORÁVEL À CRIATIVIDADE	
Ulisses Pereira de Carvalho	
Ciro Inácio Marcondes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031117</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>181</b>
“A RAINHA DESTRONADA: MÃE PARALÍTICA NO TEATRO DAS URNAS”	
Alisson Santos Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031118</b>	

<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>194</b>
JOVENS “BALADEIROS” E “ESTUDIOSOS”: EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS SOBRE HÁBITOS CULTURAIS E TRAJETÓRIA ESCOLAR	
Marcella da Silva Estevez Pacheco Guedes	
Marcio da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031119</b>	
<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>209</b>
FORMAÇÃO DOCENTE – REPENSANDO O ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Crisitiane de Almeida Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031120</b>	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>226</b>
ESCREVER, PARA QUÊ?	
Francisca Edvania Tavares	
Francisca Moreira de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031121</b>	
<b>CAPÍTULO 22.....</b>	<b>233</b>
REDAÇÕES NOTA MIL DO ENEM 2017: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA	
Verônica Mendes de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031122</b>	
<b>CAPÍTULO 23.....</b>	<b>246</b>
O TESTE CLOZE COMO INSTRUMENTO DE DIAGNÓSTICO EM COMPREENSÃO LEITORA NO NÍVEL MICROTTEXTUAL	
Vanessa de Oliveira Silva Ferraz Cabral	
Maria Inez Matoso Silveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031123</b>	
<b>CAPÍTULO 24.....</b>	<b>258</b>
A POESIA NA SALA DE AULA: POESIA E LIRISMO EM VERA ROMARIZ	
Camila Maria Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031124</b>	
<b>CAPÍTULO 25.....</b>	<b>265</b>
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA PRELIMINAR SOBRE O CONCEITO <i>STORYTELLING</i> COMO PARTE DE PESQUISA EM IMPROVISACÃO MUSICAL	
Rafael Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031125</b>	
<b>CAPÍTULO 26.....</b>	<b>276</b>
PERCEPÇÃO E CONHECIMENTO MUSICAL	
Tiago Vidal Corrêa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27320031126</b>	

<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>287</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>288</b>



## FORMAÇÃO DOCENTE – REPENSANDO O ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

*Data de aceite: 03/11/2020*

**Cristiane de Almeida Santos**

<http://lattes.cnpq.br/5825933587514218>

**RESUMO:** O Ensino de História é, ainda, um grande desafio da disciplina, seja na formação dos docentes ou na transposição dos conhecimentos e métodos na prática educacional. Esse artigo busca discutir as principais dificuldades que englobam o ensino de História, as quais não são novidade nem para o iniciante ou para educadores que possuem anos de atuação. Já existem infinitos artigos que tratam do mesmo tema, contudo, neste trabalho busco mesclar vivências pessoais que mesclam o ensino de História com a área de Artes, construindo alguns questionamentos e caminhos que podem ser adaptados e recorridos tanto por professores do ensino básico, quanto pelos docentes que se dedicam a formação de educadores. Tais experiências são resultado de cerca de oito anos de formação e atuação educacional na área de História, a qual mesclo vivência em sala de aula, estágio supervisionado e o conhecimento da Arte Educação para jovens que adquiri em minha segunda formação em Artes Cênicas. O objetivo é demonstrar a transdisciplinaridade do conhecimento e da sua aplicabilidade, mostrando que o conhecimento, sobretudo das humanidades, não existe de forma isolada, assim, toda contribuição é bem vinda.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação docente, ensino de história, estágio supervisionado

**ABSTRACT:** Teaching History is also a major challenge in the discipline, whether in the training of teachers or in the transposition of knowledge and methods in educational practice. This article seeks to discuss the main difficulties that encompass the teaching of History, which are not new either for the beginner or for educators who have years of experience. There are already infinite articles dealing with the same theme, however, in this work I seek to merge personal experiences that mix the teaching of History with the area of Arts, constructing some questions and paths that can be adapted and used by both elementary school teachers and teachers. teachers who are dedicated to educator training. Such experiences are the result of about eight years of training and educational experience in the area of History, which I mix in the classroom, supervised internship and the knowledge of Art Education for young people that I acquired in my second training in Performing Arts. The objective is to demonstrate the transdisciplinarity of knowledge and its applicability, showing that knowledge, especially of the humanities, does not exist in an isolated way, so any contribution is welcome.

**KEYWORDS:** Teacher education, history teaching, supervised internship.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

(Paulo Freire).

Início este trabalho com uma frase do filósofo, educador e Patrono da educação brasileira, Paulo Freire.. Autor de “*Pedagogia do Oprimido*”, Freire constrói um método de alfabetização e de educação que visa o reconhecimento das diferentes realidades em que os alunos estão inseridos e a consideração delas em um processo educativo efetivo e emancipador. Apesar do reconhecimento nacional e internacional, tal forma de construção do conhecimento não foi suficiente para resolver as dificuldades do ensino básico brasileiro, em partes, pela complexidade de estabelecer a prática efetiva desse método nas escolas públicas brasileiras e nas diferentes disciplinas.

Diante de um panorama de crises políticas, educacionais, econômicas, entre tantas outras, que atravessam o Brasil, algumas a mais tempo e outras acentuadas em 2014, que utilizo a frase de Freire como norte para observação de alguns aspectos considerados no ensino de História na educação brasileira.

São mais oito anos observando com maior atenção o que podemos chamar de *crise educacional brasileira* – que não se sabe ao certo quando começou e se um dia vai acabar – por diferentes angulações. Como discente aprendendo o ofício, como uma jovem profissional iludida com a ideia revolucionária de mudar o sistema sozinha e como artista diante de uma *nova pedagogia*<sup>1</sup> que não se ensina em muitos cursos de licenciatura.

Para muitos a frase a seguir pode parecer óbvia e repetitiva; “é preciso trabalhar o aluno como uma pessoa inteira, com sua afetividade, suas percepções, sua expressão, seus sentidos, sua crítica, sua criatividade...” (SLADE, 1978, p. 6). Contudo, teme-se que os estudantes discutam cada um dos pontos contidos na citação com esmero e paixão, porém, muitos não chegam nem perto de praticar esse ensino *emancipatório*.

A frase descrita é do intelectual inglês Peter Slade, um dos mais utilizados pensadores na base educacional do teatro infantil. Sua colocação se assemelha com as propostas de Freire em que o aluno é sujeito construtor (e não receptor) do conhecimento. E, é nessa concepção de ensino que esta discente se apoia, mesmo com toda a crise existente no Brasil, seja a política – que reflete diretamente na base educacional e cultural do país – ou a educacional, acreditando que só um ensino que vise o social<sup>2</sup> e o humano<sup>3</sup> é que os alunos estarão aptos a conviver em sociedade em plena consciência de seus direitos e deveres.

A escrita deste artigo é, portanto, uma mescla entre percepções pessoais e reflexões teóricas. Além disso, mescla áreas de saberes como as Artes Cênicas

1. No que diz respeito ao ensino de teatro para crianças e jogos teatrais para adultos e que tem potencial de apropriação para as outras áreas de conhecimento.

2. Das questões que perpassam a sociedade, dos anseios profissionais, econômicos, da responsabilidade política, etc.

3. Diz respeito ao pessoal e individual, à emancipação das sensibilidades, das questões psicológicas e culturais.

e Histórias e os níveis de ensino infantil e fundamental. Por fim, para sustento das reflexões é utilizada a experiência da disciplina de “*Estágio Supervisionado em História II*”, no curso de História, na Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, realizadas nos anos de 2018 e 2019, momento de maior reflexão acerca das experiências e saberes acumulados ao longo de oito anos de trajetória acadêmica.

## **DAS OBSERVAÇÕES, APRENDENDO A APRENDER**

Ao acompanhar duas turmas do ensino fundamental II – 6º ano B e 6º ano C – a metodologia de observação consistiu em atentar-se às práticas de ensino que melhor funcionavam em cada turma. Além disso, procurou-se observar as preferências de ensino e aprendizagem estabelecidas pelo professor regente. Basta, por hora, dizer que para além de uma aula conteudista, o professor regente se dedicou à ligação de temas do passado com reflexões sobre os dias atuais, tal escolha é reflexo da ideia de que “o estudo da História efetivamente aguça e amplia nossa compreensão da realidade social e ajuda-nos a nortear a ação social no presente” (MOREIRA e VASCONCELOS, s/d, p. 19).

O objetivo inicial foi o de, através da metacognição, buscar meios de colocar em prática o conceito de ‘competência adaptativa’<sup>4</sup> proposto por Bransford, Brown e Cocking (2007) e citado em Caimi. Com isso pretendeu-se observar as fragilidades das aulas do professor, compreendê-las e por fim modificá-las quando chegasse o período de regência. O maior desafio era o de aproximar o conteúdo de História com as realidades dos alunos. Como construir paralelos entre os aspectos da “democracia da Roma Antiga” com as questões atuais e, acima de tudo, que envolva e seja compreensível aos alunos? E ainda, o fazer de forma que seja prazerosa? Afinal, o processo de ensino-aprendizagem prazeroso é sempre mais profícuo e animador.

Entre as dificuldades observadas, uma principal se fez perceptível (e que aparenta ser constante para várias realidades escolares do Brasil) foi a de manter os alunos atentos e sentados. Este aspecto não se fez novidade ou espanto, visto que em experiências passadas ou em discussões das aulas de estágio, em roda de estudantes de licenciatura e professores, percebe-se que a difícil tarefa de manter uma sala de ensino fundamental em silêncio é conhecida por muitos. Diante de um cenário comum foi preciso atenção para a construção de estratégias mentais que levassem à um planejamento de aulas que cativassem os alunos.

Nesse momento pretendia-se que a idade dos alunos não figurasse um empecilho e sim uma característica a ser reconhecida e explorada de forma

---

4. Conceito associado ao de metacognição, consubstanciado na tarefa de avaliar o próprio progresso, identificar e perseguir, de modo contínuo e sistemático, novos objetivos de aprendizagem. (CAIMI, p.88, 2013).

positiva. Crianças entre os onze e treze anos de idade (idades mais comuns nesta etapa escolar) possuem muito conhecimento sobre os mais variados assuntos, sejam eles de “adultos”<sup>5</sup>, curiosidades científicas, mundo da mídia, entre outros. Esses conhecimentos são, muitas vezes, resultado da curiosidade e interesses sociais<sup>6</sup>, que por sua vez, estimulados geram aulas divertidas e satisfatória para todos. Mas, caso isso não ocorra, outra característica dessa agitada idade pode vir à tona, a vontade de brincar ou o hábito da distração. Se a aula caminhar para este segundo momento, um pequeno caos pode se estabelecer, o professor ou professora “se descabela” entre gritos e tentativas desesperadas de acalmar os alunos, ameaças de “passar texto na lousa”<sup>7</sup>, aplicar pontos negativos, chamar a direção ou responsáveis, entre tantas outras tentativas de buscar o silêncio através da autoridade do docente.

Acredito que se a aula chega a esse ponto, o prazer de ensinar e aprender sofre um rompimento difícil de ser recuperado. Portanto, melhor que organizar a sala pelo método da disciplina e imposição de um suposto respeito, seria mais profícuo acordar o interesse dos alunos de modo que o silêncio se faria de forma *natural*. Até porque uma sala em silêncio nem sempre é sinônimo de alunos atentos, contudo, a curiosidade e a vontade de aprender são os primeiros passos para conquistar a atenção do aluno, até mesmo aquele considerado “problema”.

Atenta aos pontos elencados, observou-se que cada turma possuía um perfil distinto, o 6º ano B mais comprometido, os alunos eram mais participativos e curiosos. Já o 6ºC se mostrou mais agitado, com muita conversa paralela e brincadeiras. Salienta-se que tais características não são negativas, pois, apesar da dificuldade em manter os alunos em silêncio, eles não se mostravam indisciplinados e nem mal-educados, apenas perdiam o foco com facilidade. Se até os adultos se dispersam em atividades importantes, então, é compreensível que o mesmo ocorra com as crianças e de forma mais intensa. O próprio professor mediador alertou antes de iniciar o estágio: “Eles são agitados, mas gostam da disciplina e são comprometidos, se estimulados”.

De início, a principal estratégia era a de entregar uma atividade aos alunos para que discorressem sobre o que gostavam de fazer no dia a dia, que tipo de música eles ouviam, o que faziam nas horas vagas, suas brincadeiras prediletas,

5. Emprega-se ao termo “adulto” assuntos complexos e que muitas vezes são enfadonhos. Muitas crianças são subestimadas ao que diz respeito a compreensão de certos temas. É preciso estar claro que a criança precisa ser criança e os assuntos e percepções dessa fase devem ser reconhecidos como importantes e complexos, mesmo que para nós, adultos, sejam “*infantis*”. Não se deve obrigar que uma criança compreenda a realidade e determinados conceitos que não cabem à infância. Contudo, é preciso estar ciente que muitas possuem interesses e compreensões de assuntos “fora da curva” e que possuem uma capacidade de raciocínio incrível. É por esse motivo que muitas vezes as crianças nos deixam de boca aberta quando fazem algumas perguntas ou expressam suas opiniões.

6. Corresponde ao ciclo social que envolve as crianças, sendo sua família e o núcleo de amizades.

7. Uma espécie de terror para alguns alunos.

como passavam seu tempo livre e o que mais gostavam na escola. Essa atividade ajudaria a compreender melhor cada aluno, pois, mesmo cruzando com alguns em outros momentos na mesma, suas personalidades individuais, seus gostos e dificuldades eram desconhecidos.

Sem uma aproximação com as personalidades individuais, mesmo que de forma breve, a tentativa de mesclar História e realidade dos alunos recairia em especulações, como deduzir que os alunos se interessem pelo estilo musical *k-pop* ou gostem de filmes heróis porque são temas infantis em alta na atualidade. Por vezes, a especulação pode gerar bons frutos, em outras, faz que ao contrário de uma aproximação, ocorra um distanciamento das compreensões dos alunos sobre o conteúdo, afinal, ela estará distante tanto do conteúdo histórico, quanto do tema atual escolhido como auxiliar. Portanto, conhecer um pouco de cada aluno é essencial para cativá-los em momentos estratégicos. Por esse motivo se fez importante construir um breve conhecimento das características de cada um, afinal, eles são diferentes, aprendem de formas diferentes, assim como têm anseios distintos, mesmo que inconscientemente. Buscar a singularidade daria chances de despertar o interesse individual para o que estava sendo trabalhado em conjunto. Outro ponto, seria observar o nível de escrita e desenvoltura. É comum se deparar com turmas que possuem alunos que ainda tenham dificuldades de ler e escrever, existem aqueles que não conseguem se expressar através da escrita, outros que não constroem textos ordenados. Identificar tais fatores também se faz essencial. Um professor ou professora que se dedica a incluir todos os alunos no processo de ensino-aprendizagem, tem como desafio encontrar meios que abranjam tanto os alunos dedicados e *talentosos*, quanto os que possuem dificuldades cognitivas. Identificar tais dificuldades é o ponto de partida para transformá-las em ferramentas de inclusão e não de exclusão, como pode ocorrer em algumas práticas.

Outro ponto observado foi o de que os alunos não se dedicavam às tarefas de casa, sempre que o professor pedia um trabalho para entregar em outra data, muitos se esqueciam, outros faziam as pressas na sala quando chegava o dia de entregar, houve também o caso de um grupo que fez o trabalho para parte da sala, mudando apenas alguns dados. Fora isso, alguns que se dedicavam a fazer em casa copiaram fielmente da internet. Após observar essa dificuldade compreendeu-se que não adiantaria insistir (não como estagiária) em tarefas domésticas e que todo o desenvolvimento da regência deveria ser em sala de aula, ao menos no que diz respeito às tarefas.

Existem aqueles profissionais que se deixam vencer pelo cansaço e acabam não gastando esforços em cativar os alunos, há outros que se “deixam vencer”<sup>8</sup> pela

---

8. Há todo cuidado com o termo, pois ao falar de saúde, compreende-se que algumas atitudes não são escolhas e sim consequências de fatores maiores e complexos.

falta de saúde, não é incomum ouvir professores que se queixam de depressão, estresse, ansiedade, entre outros. Portanto, compreender as dificuldades dos alunos e seus interesses é uma estratégia que favorece não apenas as crianças, mas o próprio profissional da educação. Contudo, é preciso cautela ao falar das dificuldades da prática docente para não cair em um pessimismo e desvalorização da profissão efetuada pelo próprio profissional.<sup>9</sup> Ser professor não é fácil e possui suas especificidades, assim com todas as outras profissões, mas é também gratificante e prazeroso. Formar seres humanos sensíveis e fortes, capazes de viverem em harmonia em uma sociedade conflituosa, que tenham senso crítico, autoestima, senso de comunidade, que se sintam parte de um todo, não é uma tarefa fácil e harmoniosa e, sobretudo, não é um fardo ou uma lastima, como se dá a entender em algumas falas ouvidas nos corredores das escolas e faculdades.

A partir do cenário descrito, procurou-se alternativas que auxiliassem a não cair em um desgaste desnecessário. Após a observação de dez aulas, a solução encontrada seria trabalhar em grupo. As escolhas tomadas são frutos de uma junção entre as propostas de Paulo Freire e Peter Slade, ambos mencionados anteriormente. Um pedagogo e filósofo e o outro arte-educador, respectivamente.

É nesse sentido que recorri ao teórico das artes na construção estratégica da atividade prática do estágio. Ao falar de teatro – e isso deve estar evidente – Slade afirma que o ensino do jogo dramático “não é uma atividade do ócio, mas antes a maneira da criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver. O jogo é na verdade a vida” (SLADE, 1978, p. 17). Ao falar de jogo teatral ou jogo dramático infantil, Slade aponta uma série de jogos que se assemelham com o brincar de faz de conta que é uma parte central da vida da criança, é desse modo que ela, não apenas se diverte, mas conhece e experimenta o mundo.

O jogar ou “brincar” mais que uma forma lúdica de ensinar é uma prática de ensino-aprendizagem que, efetivamente, parte da realidade da criança. Quando o professor propõe um jogo, ele não propõe uma suposta realidade vivenciada pelo aluno, como pode ocorrer quando sugere que faz parte da vida da criança as bandas de *k-pop*. Nesse método, o adulto apenas propõe a brincadeira ou jogo, mas a realidade quem traz à tona é próprio aluno. Cada um, com suas vivências diferentes, contribui com o jogo e atribui sentidos reais a ele. Tal questão ficará mais evidente na descrição do trabalho desenvolvido na atividade prática que visou o trabalho em grupo, tomando a metodologia do ensino de teatro, mas adaptando-a ao ensino de História.

No início da aula, os alunos se ocupariam em encontrar seus parceiros e

9. Apesar da profissão docente ser amplamente reconhecida, no que diz respeito à sua importância para o futuro das crianças e adolescentes, ela também é alvo de severas críticas, descaso e desvalorização, sobretudo no que diz respeito a salário e valorização por parte dos governantes.

posicionar as carteiras enquanto a estagiária daria instruções e auxiliaria cada grupo por vez, o que pouparia de tentar explicar em voz em alta e ter que interromper sempre que algum aluno começasse a conversar. Outro ponto é de sair da posição de frente da turma e da postura ereta e se colocar a conversar com o aluno em sua carteira, sendo possível olhar no olho, colocar-se à altura do aluno (no sentido de abaixar-se para estar no mesmo nível) e fazê-lo sentir parte importante da aula, o que é mais difícil acontecer na organização comum das carteiras.

Dentro desse processo, uma última dificuldade verificada foi a de compreensão, interpretação e produção de texto, outro ponto que não é novidade, principalmente em se tratando de turmas de 6º ano. A primeira vez que esta discente obteve contato com as duas turmas foi no início do ano de 2018, substituindo o mesmo professor que agora acampanhou o estágio docencia. Na ocasião, aplicou a primeira prova de História do ano letivo com eles. A prova era simples, as questões buscavam que os alunos dessem opiniões ou que assimilassem figuras com conceitos ou fatos históricos. Muitas questões necessitavam de um uso lógico e interpretativo. Por exemplo, o professor montava uma breve descrição dos períodos neolítico e paleolítico e depois distribuía imagens de práticas de ambos os períodos para que os alunos indicassem qual imagem pertencia a qual período. Nesse tipo de questão se fazia mais necessário a interpretação das imagens e dos textos de introdução que o conhecimento do conteúdo em si. Mesmo assim, muitos alunos não conseguiam entender o que era para fazer ou como eles iriam identificar as imagens. Vendo a dificuldade deles em compreender as questões da prova, precisou-se não apenas ler questão por questão, mas explicá-las calmamente.

Passados quase seis meses dessa experiência, no momento de estágio, pode-se notar um tímido avanço cognitivo das turmas. Porém, não o suficiente para que os alunos demonstrassem a facilidade necessária e esperada para esse ano escolar. Compreendeu-se, portanto, que não adiantaria fazer reflexões muito profundas ou até mesmo seguir o livro didático fielmente, pois ele possuía conceitos e palavras de difícil compreensão para os alunos. Portanto, era preciso simplificar o conteúdo para que eles tivessem uma compreensão geral do que seria proposto.

Findando o período de observação, havia uma semana para preparar as aulas que seriam sobre um dos últimos conteúdos do livro didático: Roma Antiga.

## **A PRÁTICA DOCENTE, ENTRE ERROS, OUTROS ERROS E ALGUNS ACERTOS**

Após reflexões sobre todas as percepções descritas anteriormente, é chegada a hora de tirar as ideias do plano mental e pensar de que forma elas se colocariam em prática. E, a primeira estratégia já não saiu como esperada.

Pretendeu-se, como já dito antes, conhecer melhor os alunos para trabalhar

com eles em grupo, sem abandonar suas individualidades, incentivando com música, com poesia ou qualquer outro meio que me despertasse interesse de cada um. Porém, o tempo planejado para atividade de sondagem não foi pensado atentamente, deixando escapar o planejamento do professor. Quando se deu o início da regência, já era necessário trabalhar o conteúdo específico, caso contrário, não haveria tempo hábil para aplicar prova, recuperação e fechar o semestre. No planejamento pensado a primeira aula seria de um bate-papo geral, para que eles se familiarizassem com a estagiária e, assim, se sentirem à vontade para exporem suas rotinas e particularidades. No final da aula, seria pedido para que redigissem um pequeno texto falando sobre suas vidas particulares, seus desejos, dificuldades e prazeres. Esses textos seriam revisados, afim de pensar estratégias para cada aluno, individualmente. Porém a aula de sondagem nunca aconteceu, pois o conteúdo “Roma Antiga” deveria ser iniciado com urgência.

O ensino de História Antiga para 6º anos é uma tarefa difícil para esta discente, dentro de toda a dificuldade com o ano escolar e a idade dos alunos, a abordagem de temas da antiguidade é difícil de ser praticada de forma que ocasione o interesse dos estudantes. Como aponta Pedro Paulo Funari (2003), os livros didáticos e os conteúdos de História Antiga no Brasil são, cada vez mais, construídos de forma atrativa e instrutiva, devido o aumento das pesquisas acadêmicas que se intensificaram nas última duas décadas. De fato, o conteúdo do livro didático é a principal fonte utilizada pela discentes para esse conteúdo, no ano escolar específico, devido ao uso de temas interessantes, curiosos e cotidianos que facilitam a condução das aulas. Segundo o autor “os livros tratam não só dos temas de explicações historiográficas tradicionais, mas procuram diversificar os objetos e abordagens, assim como inserir o estudo da Antiguidade na realidade brasileira” (FUNARI, 2003, p. 97).

No primeiro momento, continuou-se com a ideia de trabalhar em grupos e seguindo sugestões de trabalhos propostos no livro didático. Para trabalhar o tema “O império Romano”, a turma foi dividida em cinco grupos, em que cada um pegaria um subcapítulo do livro didático para trabalhar: 1) o Império Romano; 2) Pompeia, a cidade soterrada; 3) O século de Augusto; 4) Continuidade do Império; 5) Coliseu. Logo após, os alunos fariam a leitura do conteúdo referente ao seu grupo e em seguida construiriam em conjunto uma história sobre o tema. A construção dessa história partiria do conteúdo do livro didático, contudo, os alunos estavam livres para usar a imaginação, aqui entraria o brincar. Tal escolha uniria a ideia de que “fornecer e orientar o desenvolvimento de um tema a ser pesquisado e indicar caminhos lúdicos de reflexão revela-se uma estratégia excelente” (FUNARI, 2003, p. 101) com o pensamento do “jogo dramático”<sup>10</sup> de Peter Slade. O objetivo não é construir

10. O *jogo dramático* proposto por Slade não é teatro, apesar da sua semelhança. Para o autor o uso da pa-



um “jogo dramático” do campo teatral no ensino de História (o que, por vezes, pode funcionar) e sim utilizar o pensamento utilizado na concepção de jogos dramáticos.

Nesse sentido, a fantasia seria uma espécie de jogo lúdico para o ensino de História. Ora, a fantasia é o cerne do fazer infantil, ela é construtora de sentido e potencializadora das formas de compreensão do mundo, até mesmo nos adultos. Portanto, não haveriam limites para construção de uma história sobre Pompeia ou o Império Romano. As bruxas, cantores de rap, um parente ou personagem do bairro seriam bem-vindos na construção textual, Roma caberia no mundo imaginário de cada criança.

Considerando que a imaginação faz parte do universo infantil e que se estimulada se apresentará de forma orgânica, passou-se a pensar na dificuldade na construção de texto. Portanto, se fez necessário a construção de um roteiro que deveria ser seguido e que normalmente é trabalhado na elaboração de escritas textuais. A história deveria ter as seguintes características: O que estava acontecendo? Quando (período) estava acontecendo? Onde estava acontecendo? Quem estava na história? Dentro desse roteiro eles deveriam propor um personagem que não necessariamente seria romano ou real. E ainda era preciso um início, meio e fim da história. Assim, brincadeira e saber escolar se uniriam, além da interdisciplinaridade entre história e português.

A finalidade dessa tarefa foi de incentivá-los a ler, compreender o texto e reproduzir suas compreensões livremente, conforme cada visão de mundo. E, apesar da resistência de alguns alunos, no final, obteve-se o resultado esperado.

Auxiliando grupo por grupo, ajudando-os a compreender seus textos, dando ideias, incentivando todos a participarem. No início da atividade, os alunos ficaram confusos diante da liberdade de escrita: “professora, eu posso colocar qualquer coisa mesmo?”, “Sim, qualquer coisa, mas é legal que consiga usar como base o texto do livro didático”. Para ilustrar o que era proposto, construía-se algumas perguntas como “com quem se parece o Imperador Augusto, uma personagem de filme ou de outras histórias que vocês conhecem?”, “O que é um Império?”, as respostas vinham “império como nos jogos de *RPG*?”. Ao compreender as possibilidades e assimilá-las com o conteúdo, os alunos estariam refletindo sobre aspectos importantes de Roma Antiga, ou melhor, os temas centrais desse conhecimento histórico.

Com as orientações de carteira em carteira, grupo por grupo, notou-se a tendência dos alunos demonstrarem interesse em participar enquanto a estagiária estava presente e, ao virar as costas, eles perdiam o foco e ficavam com conversas paralelas. Buscou-se, então, uma postura séria demonstrando que atividade em grupo não é baquinça e que todos deveriam participar igualmente na construção lavra “drama” tem seu “sentido original”, da palavra grega *drao* – “*eu faço, eu luto*”. No drama, no fazer e lutar, a criança descobre a vida e a si mesma através de tentativas emocionais e físicas e depois através da prática repetitiva, que é o jogo dramático” (SLADE, 1978 p. 18).

da história. Esse tipo de abordagem exigiu uma movimentação contínua entre os grupos, demonstrando estar observando cada aluno individualmente dentro do grupo, dando ideias variadas, encerrando conversas em excesso, etc.

Se faz muito importante não deixar os grupos livres em atividades como esta, pois, é comum que um único aluno faça por todos ou que alguém possa ser excluído. Portanto, para que cada aluno se sinta parte de um todo é preciso incentivar a todos mutuamente, não de forma a obriga-los a participar, e sim, tentar extrair potencialidades de cada um. A exemplo, é comum que o aluno “bagunceiro da turma” não seja levado a sério se colocado em grupos de alunos mais contidos. Contudo, esses alunos, normalmente são extremamente criativos, afinal é preciso criatividade pra zombar de algo e fazer rir, e se essa criatividade for estimulada para a execução de uma tarefa pode levar o aluno a se sobressair, se tornando uma experiência positiva tanto para ele, quanto para a turma. O mesmo estímulo pode ajudar aquele aluno muito tímido ou o que tem dificuldades na elaboração de textos. Enfim, por isso é importante conhecer cada aluno, entender o grau de proximidade entre os colegas de classe para que o estímulo ser verdadeiro. Sendo o estímulo verdadeiro não aquela ideia que surge na cabeça do professor e ele acha que será tão interessante para o aluno quanto foi pra ele. Não, ao contrário, o estímulo verdadeiro parte do conhecimento do aluno, do que o aluno acha interessante, é o professor quem constrói o caminho, mas é o aluno quem faz aparecer as pedras, as curvas e os atalhos. O professor é o condutor e o aluno a iluminação da estrada.

## **A ATIVIDADE EM GRUPO E A PARTICULARIDADE REVELADA**

A atividade apontada no capítulo anterior foi trabalhada nas duas turmas de 6º ano de uma escola do Matro Grosso do Sul. Sendo que o 6º ano C demonstrou mais dificuldade em montar grupos, gastou-se cerca de 20 minutos convencendo alguns alunos a participarem dos grupos ou em unir duplas separadas. É comum que alguns alunos não se sintam a vontade de trabalhar em grupo, por não serem incluídos e ficarem sozinhos, o que pode levar a um sentimento de exclusão, ou por não terem afinidade com algumas pessoas, ou outros infinitos motivos. É comum, também, a persistência em não querer se aproximar dos colegas, pois, é assim que o professor acaba cedendo e deixando que a atividade seja executada individualmente. Novamente, o autoritarismo nunca é o melhor caminho, mesmo que as vezes pareça ser o único. Por vezes o aluno deve ser atendido e sua vontade respeitada, trabalhar em grupo por obrigação e sem prazer pode gerar bloqueio no processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, o trabalhar em grupo é também uma fase da aprendizagem que visa a inserção na sociedade.

Muitas vezes nos deparamos com momentos em que o trabalho em grupo

se faz necessário e que os conflitos entre os participantes ou os desejos individuais podem prejudicar a realização da forma esperada. Portanto, é preciso que aluno entenda que as vezes ele terá de trabalhar com quem não gosta, terá que tentar interagir, mesmo não se sentindo à vontade. Seria perfeito que esse tipo de situação nunca ocorresse, mas, viver em sociedade é estar apito a conviver com as diferenças e os desentendimentos. Nesse sentido, levar o aluno a trabalhar em grupo, mesmo contra a sua vontade, se faz preciso em certos momentos, é claro, sempre buscando que a experiência seja um mínimo prazerosa, ou melhor, que não seja completamente frustrante, senão, o aluno pode ser levado a se isolar cada vez mais ou invés de aprender que trabalhar em grupo é necessário, mesmo que não seja tão legal.

Nessa tentativa de incentivar a aproximação entre as crianças, ocorreu o que se temia: o tempo gasto em demasia tentando organizar a sala. Devido a essa “falha” o andamento da tarefa nessa turma se deu de forma diferente e foi preciso mais aulas para terminar todo o planejado: redação dos textos, leitura e discussão posteriores. Já na outra turma o tempo necessário para realizar tudo o que foi planejado foi um pouco menor.

Mesmo com a dificuldade e o tempo gasto em questões individuais. A cada vez que se passou de grupo em grupo era preciso estar atenta às conversas, às dificuldades e para onde se desviava os assuntos, ser interromper os alunos. O desejo era de os conhecer um pouco mais e usar isso a favor da aula. E essa tarefa não foi tão difícil. Por exemplo, certo grupo preocupou a estagiária, formado por duas meninas e dois meninos, eles já foram avisando que ninguém fazia nada e que não gostavam de estudar. Pediu-se para que eles se esforçassem, a cada tentativa eles respondiam com piadas do tipo “fulano ta chapado, só sabe viajar”. Com o tempo percebeu-se que os dois meninos falavam frequentemente em assuntos que podiam ser associados ao uso de drogas. Não se sabe se eram usuários, mas tudo indicava que sim. Tal situação é preocupante, pois, sabe-se que essa é uma realidade de várias crianças brasileiras.

A estagiária sempre gostou de se aproximar desses alunos para dar um ombro amigo e um voto de confiança, afinal, sabe que muitos são ignorados e passam pela escola sem grandes expectativas por serem desacreditados por muitos professores.

Ao notar a característica desse grupo, foi fazendo perguntas para eles:

- Do que o texto está falando?
- Não sei professora, não sei ler.
- Sabe sim, vamos começar pelo título “O império Romano”. O que é um império?
- Sei não.

- Xiii professora, esquece, ele ta viajando.
- Não tem problema, é pra viajar mesmo. Um império é igual a um reinado? Vocês já jogaram algum *game* que tinha que construir um império?
- Já sim fessora.
- Então, como é o jogo?
- Ah, a gente tem que conquistar outros reinos, montar exército, essas paradas.
- Isso, parabéns, um império é quando um país ou uma civilização conquista outras. Agora vocês vão ter que construir um história sobre a conquista de um império, o texto é curtinho, vamos lá.

Sempre que era preciso voltar ao mesmo grupo, eles demonstravam que começaram a ler, falavam o que tinham entendido até ali, mas depois ficavam com preguiça de continuar. E a estagiária sempre estimulando conforme o tempo do grupo.

- Ala professora, ele quer colocar o Zé pequeno na história, as ideia.
- Pode colocar o Zé pequeno sim, é ele que vai construir o Império? Como vai ser?

Zé pequeno é um personagem do filme “*Cidade de Deus*”, uma criança desprezada na infância que se torna um traficante. Aos poucos Zé pequeno conquista várias bocas do morro, se tornando o “imperador” do tráfico através de conquistas de outras bocas por meio da violência e estratégias. Apesar de ser um contexto totalmente diferente da realidade da Roma Antiga, a associação do Zé pequeno à um imperador não estava de todo errado, portanto pediu-se para que eles aproveitassem a ideia para construir o texto. Ao final o texto desse grupo possuía personagens como Zé pequeno e Fernandinho Beira Mar - líder da organização criminosa Comando Vermelho. Acredita-se que esse tipo de associação, mesmo que triste pelo contexto em que aparece, figura o aprendizado envolto na realidade do aluno.

É comum que crianças e adolescentes envolvidos com droga ou criminalidade sintam uma excitação ao falar de bandidos famosos, para eles, heróis. Esses bandidos são figuras representativas, pessoas que deram “certo”, mesmo Zé pequeno sendo morto no filme ou Beira Mar estando preso na vida real. Esses são exemplos de sucesso para estes alunos. Ao construir a percepção sobre essa realidade é preciso utilizá-la, neste momento ou em aulas posteriores. Uma especificidade como essa não deve passar em branco pelo professor de História que tem um dever social para com a turma.

Mesmo que não seja possível tomar um medida social para ajudar a criança a

desvencilhar-se do uso de drogas, ao qual sabemos que não é simples no contexto brasileiro, é preciso, ao menos, discutir sobre o assunto. Não para atacar o uso e desconstruir a ideia de herói que a criança construiu sobre o criminoso, e sim levá-la a questionar, por si mesma, o quanto Zé Pequeno é herói e quanto ele fez mal pra si mesmo e para os amigos, já que o filme retrata isso. Para isso não se deve colocar no personagem o aspecto de vilão e sim de ser humano que erra, mas possui direito de ser feliz como qualquer outra pessoa, pois muitos desses alunos se identificam com o personagem devido ao sofrimento da infância, o contexto de abandono familiar, o desprezo da sociedade. Colocar Zé Pequeno como vilão, por vezes, pode levar o aluno a se enxergar como vilão também, quando na verdade, nessa idade, é apenas uma vítima. Ou outra abordagem seria a de construir uma aula sobre o império do crime organizado do Brasil, desconstruir os preconceitos contra a população pobre e demonstrar que o tráfico é também financiado pela elite econômica e política. É, retirar do aluno o peso social de ser um usuário que o destinará a uma vida de fracasso, como é comum em discursos de educadores, e mostrar para o aluno outros caminhos e possibilidades, é mostrar uma luz e não apagar as poucas chamas de esperança, que com certeza, essas crianças devem possuir.

Para além das questões sociais destes alunos, outros grupos também ficaram livres para construir a história de forma criativa. Os melhores textos eram os que fugiam do livro didático, aqueles que tinham heróis, bruxas, história de amor... Alguns alunos se bloquearam e tentaram fazer um resumo do texto do livro, no resultado final não possuía uma história com personagens, começo, meio e fim, era só um trecho com dados históricos.

Nas duas turmas houve o mesmo problema, onde alguns alunos pareciam não estar habituados com esse tipo de tarefa e por mais que era pedido para criarem um roteiro que fugisse do livro, eles demonstravam imensa dificuldade em como escrever uma história do Império Romano sem ser copiando do livro.

Um grupo passou parte da aula discutindo, colocando a culpa um no outro por não sair nada, gerando um clima desconfortável. Nesse grupo teve-se que propor um roteiro usando o pouco *feedback* deles, pois estavam emburrados, mas por fim, construíram um texto muito bom, o melhor da turma na opinião da estagiária.

A ideia geral dessa proposta era estimular um conhecimento prévio sobre alguns aspectos de Roma Antiga. Cada grupo ficaria com um tema, as histórias seriam lidas em voz alta e discutida com toda turma, assim seria trabalhado um capítulo inteiro. Em média de três aulas as histórias foram construídas. Em duas aulas lemos e discutimos os textos, agora aprofundando um pouco mais, relacionando as histórias com datas, nomes, conceitos que apareciam no livro. Em mais uma aula, buscou-se seguir a metodologia do professor, fazer um paralelo com

o tema proposto e os dias atuais. A discussão entre Roma e atualidade girou em torno do coliseu e a expressão “pão e circo”, os alunos se mostraram interessados e começamos lentamente a buscar aspectos da sociedade atual que se assemelham ao que ficou conhecido como “pão e circo”. Dentro dessa proposta apareceram várias problemáticas como assistencialismo, a questão indígena, políticas públicas, alienação e etc.

Nesse ponto até professor regente se demonstrou mais interessado, até então ele só observava a regência, aqui ele começou a estimular os alunos, a ajudar a estagiária quando havia dispersão ou até mesmo quando chegava em um ponto polêmico, como a afirmação “ahh, mas os índios são vagabundos”. Acredita-se que a discussão tenha sido produtiva, afinal houve uma participação quase geral e, ainda, tentou-se incluir os alunos que normalmente se excluem desse momento, trazendo para discussão o que eles haviam proposto em suas histórias e criando veracidade para seus pontos de vista. Afinal, por mais que o texto construído fosse uma ficção, nenhuma ficção é isenta de realidade e o texto, como expressão da imaginação de uma criança pode ser uma obra de arte, e a arte e o brincar (fazer infantil) sempre imitam a vida.

Por fim, acreditou ser necessário uma tarefa de fixação, com questões mais relacionadas ao conteúdo. De forma individual, os alunos responderam as questões propostas no livro didático. A estagiária sempre passando de mesa em mesa. O resultado foi animador, eles já possuíam uma certa aproximação com o conteúdo o que deixava mais fácil a compreensão das perguntas e a formulação das respostas com as próprias palavras sem precisar copiar parágrafos inteiros do livro, como é muito comum – apesar de que todas as respostas eram diretas, sem muito desenvolvimento. Tal ponto deveria ser melhor explorado em outras aulas, de forma gradiente, sempre incentivando os alunos a aprofundarem-se nas construções textuais, seja por meio de jogos variados, ou por um aprofundamento acadêmico. Acredita-se que nas séries iniciais do ensino fundamental é preciso mesclar conhecimento acadêmico e conhecimento infantil, esse segundo é uma mescla de faz de conta, de brincar, divertir-se e, também, se aventurar pelas complexidades da realidade adulta, tão confusa e conflituosa.

Seguindo o calendário do professor, deveria ser aplicada a última prova, ao qual foi construído em conjunto – professor e estagiária – o conteúdo.

A iniciativa da construção em dupla da avaliação final partiu do professor. Afinal, a estagiária trabalhou todo o conteúdo com os alunos e por mais que havia construindo uma avaliação continua, buscando levar em conta a participação, o esforço em construir as tarefas e as dúvidas dos alunos, uma avaliação final daria o retorno necessário para finalizar e avaliar a regência, componentes da disciplina de estágio.

## O RESULTADO, A FARTURA DAS MIGALHAS

A devolutiva da prova escrita foi muito boa, já durante o processo avaliativo, enquanto o professor explicava as questões uma das alunas que não demonstravam interesse em estudar (em todas as vezes que a estagiária esteve na sala, seja em substituição ou estágio) soltou em voz alta “essa eu sei, valeu professora” enquanto apontava. A questão em especial era a que dizia respeito ao tema que o grupo dela trabalhou. Talvez nem todos os alunos conseguiram absorver as reflexões do conteúdo completo, mas foi satisfatório observar que ao menos a parte que eles se propuseram a fazer, fixou-se de alguma forma em suas mentes.

Além desse ponto, o professor ficou satisfeito com o resultado da prova, pois as duas questões abertas foram respondidas com alguma coerência com o conteúdo estudado. Em outras provas, uma quantidade significativa deixava essas questões em branco.

No final da regência, como já se aproximava do final do semestre, tentou-se construir com eles um apanhado geral do que eles aprenderam na disciplina de História, apesar do grande esforço em manter as duas turmas em silêncio, conseguimos fazer um resumo geral do conteúdo do 6º ano, sempre mesclando com problemáticas atuais.

No final da avaliação da experiência de estágio realizada pelo professor regente, quase todos pontos foram avaliados como “bom” ou “excelente”, exceto pelo item que se referia ao domínio do conteúdo, ao qual o professor regente apontou como regular. Ao observar esta avaliação, acredita-se que o professor esperava um aprofundamento do conteúdo com datas e fatos históricos, o trabalho desenvolvido foi o contrário, partiu do conhecimento histórico, trabalhando fantasia e as diversas realidades dos alunos. Ambos os tipos de conhecimento são importantes para o ensino de História, a historiografia é o cerne da disciplina, não há como o professor não se ater ao conteúdo, buscar aprofundamento, diversificação das fontes, compreender as teorias e a mudança das reflexões históricas. Contudo, a interlocução com assuntos da realidade social é essencial. E quando se diz em realidade, se fala das realidades brasileiras que perpassam quase sempre por aspectos políticos, mas é preciso falar da realidade dos alunos. Que, no 6º ano consiste em vários pontos, alguns é o brincar infantil, os problemas entre colegas, coisas que podem ser consideradas superficiais, e que para os alunos não são, ou questões graves como violências, abandonos, exclusão, etc.

Portanto, o conteúdo não deve ser sempre o centro das atenções, entretanto, deve estar presente quando não é o foco, como plano de fundo, ponto de partida. Em outros momentos é preciso aprofundar no conhecimento de história, trabalhar, também, compreensão e elaboração de texto, afinal, a história é quase sempre

escrita. O ler e o escrever devem ser primordiais, tanto para a disciplina como para o aluno como um todo, ser social e individual.

Este trabalho buscou mesclar os dois pontos, incluindo o saber teatral proposto por Peter Slade em o “*Jogo teatral*”, além disso trabalhou-se na prática pontos do conhecimento literário. Demonstrando que a História é um ensino aberto que pode ser trabalhado de várias formas e relacionado os vários conhecimentos. E, assim, será uma disciplina prazerosa, que ajudará o aluno que futuramente buscará o ingresso em uma universidade, ou aquele aluno que não vai seguir os estudos, mas que precisa ser protagonista de suas decisões, para não ser vítima da sociedade excludente em que vivemos.

Além disso, os dados encontrados em vários *sites* da internet, como IBGE, ISTO É, G1, entre outros, apontam que cerca de apenas 20% da população brasileira adentram o ensino superior, o que faz o ensino de história unicamente conteudista um erro, pois não é produtivo para a turma em um todo. O ensino de História é mais que saber a data e os nomes dos imperadores romanos, é compreender a relação entre as sociedades e culturas, as permanências e rupturas, os modos de consolidação de poder, exploração, resistência e alegrias de uma sociedade. Ou, simplesmente, fazer um aluno acreditar que ele não está fadado ao fracasso. Se um professor de história inserir um aluno excluído, será muito mais profícuo que construir o conhecimento de um aluno que irá prestar o vestibular. Por fim, não há um desmerecimento do ensino superior, o objetivo é que o número de universitários aumentem significativamente na sociedade brasileira, mas há um desejo muito maior em acabar com o sofrimento individual que não está apenas ligado ao econômico, mas há diversos fatores complexos e interligados. Quando os dois objetos trabalharem em conjunto o professor de História estará trabalhando para atender a todos.

## REFERÊNCIAS

CAIMI, Flávia E. “**Professores iniciantes ensinando História: dilemas de aula e desafios da formação**”. Revista História Hoje, v. 2, nº 3, p. 87-107 – 2013.

\_\_\_\_\_. **Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História**. Tempo. Revista do Departamento de História da UFF, v. 11, p. 27-42, 2006.

\_\_\_\_\_. “**O que precisa saber um professor de História?**”. História & Ensino. Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015.

KARNAL, Leandro. *Conversas com um jovem professor*. São Paulo: Contexto, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



FUNARI, P.P. A. 2003. “**A renovação no ensino de História Antiga**”, História na Sala de Aula, Leandro Karnal (org.), São Paulo, Contexto, 95-108.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. **Revista Direito e Práxis**, vol. 7, núm. 15, 2016, pp. 590-621. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil.

MOREIRA, Claudia R. B. Silveira; VASCONCELOS, José A. **Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino de História**. S.d. Editora Ibpx.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Summus, 1978.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alteridade 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81

Análise dialógica do discurso 10, 11, 12, 233

Aprendizado 5, 25, 48, 70, 73, 106, 126, 127, 129, 173, 187, 220, 285

Aprendizagem 2, 5, 6, 11, 13, 15, 21, 24, 37, 38, 39, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 53, 55, 56, 57, 58, 67, 69, 71, 72, 80, 84, 87, 88, 92, 93, 98, 99, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 116, 118, 121, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 134, 140, 163, 172, 176, 177, 178, 179, 180, 211, 213, 214, 218, 224, 225, 227, 230, 231, 246, 256

Atividade física 98, 99, 100

Autonomia universitária 59

AVA 42

Avaliação 17, 19, 20, 22, 24, 42, 45, 46, 53, 54, 57, 72, 96, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 133, 134, 136, 138, 139, 145, 146, 147, 149, 174, 194, 195, 196, 204, 205, 206, 207, 222, 223, 225, 230, 233, 238, 246, 248, 257, 285

Avaliação da aprendizagem 106, 112, 246

### B

Biografia 19, 20, 27, 59, 63

### C

Capacitação 86, 142, 143, 144, 152, 227

Cérebro 126, 127, 129, 130

CITECS 142, 143, 144, 145, 147

Cognitivo 23, 25, 126, 128, 129, 130, 215, 277

Competências 5, 45, 84, 85, 92, 96, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 124, 129, 142, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 226, 228, 229, 230, 234, 237, 238, 240

Compreensão de leitura 246

Conhecimento 11, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 29, 31, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 58, 71, 74, 83, 84, 85, 91, 92, 93, 95, 103, 106, 117, 118, 119, 120, 122, 129, 133, 134, 140, 143, 147, 153, 161, 168, 178, 187, 193, 208, 209, 210, 212, 213, 215, 217, 218, 221, 222, 223, 224, 227, 231, 234, 238, 241, 251, 256, 271, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286

Coordenação pedagógica 38, 39, 47, 131, 133, 135, 138, 139, 140, 176, 228

Criatividade 6, 24, 99, 146, 164, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 210, 218, 226

Currículo 4, 13, 29, 44, 57, 78, 83, 86, 93, 100, 102, 103, 104, 105, 113, 137, 171, 177

## D

Desenvolvimento 5, 6, 11, 14, 17, 23, 24, 25, 26, 29, 31, 32, 35, 37, 38, 42, 43, 45, 46, 52, 53, 55, 56, 57, 62, 64, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 81, 84, 85, 87, 89, 90, 91, 93, 94, 102, 106, 107, 108, 109, 111, 117, 118, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 134, 137, 139, 142, 143, 144, 147, 148, 151, 155, 157, 160, 162, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 173, 176, 177, 178, 213, 216, 222, 226, 227, 230, 231, 243, 246, 247, 253, 265, 266, 268, 270, 274, 276, 279, 287

Dialogismo 233, 234, 238, 259

## E

Educação básica 4, 10, 31, 40, 42, 47, 55, 88, 89, 90, 94, 95, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 170, 187, 232, 240, 243, 287

Educação científica 95, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 124, 125

Educação criativa 171

Educação de jovens e adultos 28, 29, 34, 40, 41, 97

Educação democrática 1, 163

Educação do campo 98, 100, 158

Educação Infantil 44, 46, 47, 56, 57, 112, 130, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 166, 167, 168, 170

Educação infantil do campo 155, 158, 161, 170

Educação musical 276, 285

Educação profissional 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97

Empreendedores 86, 142, 143, 144, 145, 147

Ensino fundamental 9, 27, 44, 46, 47, 56, 84, 88, 90, 95, 100, 102, 103, 104, 112, 117, 125, 130, 163, 177, 179, 180, 209, 211, 222, 246, 247, 257

Ensino médio integrado 83, 84, 85, 86, 88, 89, 92, 93, 95, 96

Escrita 12, 17, 20, 24, 26, 78, 108, 118, 120, 121, 124, 127, 132, 139, 149, 159, 177, 178, 210, 213, 217, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 235, 236, 237, 239, 248, 250, 256, 258, 259, 286

Especialização 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 151

## F

Formação continuada 27, 28, 29, 31, 32, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 88, 92, 93, 96, 136, 139

Formação de gestores 28, 91

Formação de professores 42, 44, 53, 57, 58, 73, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 95, 96, 114, 116, 117, 125, 224, 287

## **G**

Gênero discursivo 233, 234, 236, 237

Gestão democrática 28, 29

## **H**

Hábitos culturais 194, 195, 196, 197, 198, 199, 205, 206, 207, 208

*Habitus* professoral 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82

Hegemonias 1, 2

História da educação 73

## **I**

Improvisação 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 274

Inclusão social 65, 71, 118, 119, 177

Iniciação científica 114, 115, 116, 117, 119, 120, 123, 124, 125, 134

## **J**

Jazz 265, 266, 267, 268, 269, 272, 273, 274, 275

Jovens estudantes 194, 195, 198, 199, 205, 206, 207, 208

## **L**

Leitura 11, 17, 20, 21, 22, 36, 55, 77, 108, 121, 127, 149, 159, 177, 198, 199, 206, 207, 216, 219, 226, 227, 228, 230, 231, 232, 234, 239, 240, 243, 246, 247, 248, 251, 252, 253, 256, 257, 264

Lirismo 258, 262, 263

Literatura Alagoana 258, 259

## **M**

Música popular improvisada 265, 274, 275

## **O**

Oficinas 50, 80, 226, 228, 230

## **P**

Pedagogia da autonomia 1, 5, 8

Pedagogia histórico-crítica 10, 11, 12, 27

Percepção 6, 18, 20, 21, 25, 66, 68, 100, 114, 122, 123, 124, 125, 149, 173, 193, 197, 220, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 285, 286

Performance 115, 246, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 274

Poesia 24, 216, 258, 259, 260, 264

Prática esportiva 64, 65, 67, 68, 71

Práticas escolares 1, 8, 44

Práticas pedagógicas 3, 4, 42, 44, 58, 78, 169, 171, 173, 175, 176, 177, 178

Processo criativo 171, 172, 173, 176, 177

Produção textual 227, 228, 230, 231, 233, 234, 237, 244, 245, 256

Psicanálise 131, 132, 135, 136, 137, 139, 141

## **R**

Redemocratização 59, 60

Reescrita 24, 226, 228, 231

## **S**

Saúde 33, 41, 62, 68, 98, 99, 100, 101, 109, 116, 124, 132, 135, 136, 139, 152, 162, 213, 214, 272

*Storytelling* 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275

## **T**

Teste *cloze* 246, 248, 249, 254, 257

TIC 42, 43, 44, 45, 55, 57

Trajetórias escolares 114

## **V**

Vínculos sociais 155

Voleibol 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72

# **A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura**

# 4

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

# 4

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 